



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do projeto “Viva Brasil 2005”, parte integrante do “Ano do Brasil na França”

Palácio do Planalto, 28 de março de 2005

Meu caro vice-presidente da República e ministro da Defesa, José Alencar,

Meu caro Luiz Furlan,

Gilberto Gil,

Minha querida esposa Marisa,

Meu caro Abílio Diniz,

Meu querido representante da APEX,

Meu caro representante do Grupo Casino,

Eu não sei se vocês ficaram emocionados com a apresentação que foi feita, do vídeo. Obviamente que, como pernambucano, eu lamentei que só se falou da Bahia na música, não se falou de Pernambuco.

Eu penso que o momento que nós estamos vivendo é um momento para que todos nós façamos uma profunda reflexão do que está acontecendo no Brasil. Hoje, o ministro Palocci anunciou que o Brasil não vai renovar o acordo com o Fundo Monetário Internacional.

Se pensássemos em 10 anos atrás, ou 15 anos atrás, eu conheço gente aqui do plenário e do meu governo que, certamente, estaria gritando na rua: “fora FMI”. Entretanto, embora não tenhamos sido nós que fizemos os acordos com o FMI, todo mundo sabe que o Brasil quebrou três vezes. E o acordo com o FMI deu sustentabilidade para que o país pudesse chegar a sobreviver.



Quando nós tomamos posse, em 2003, nós renovamos o acordo por mais um ano. E hoje, ao comunicarmos ao FMI que não vamos fazer mais acordo, nós o fazemos com a serenidade e com a tranqüilidade de um governo que conquistou, com o sacrifício de todo o povo brasileiro, o direito de andar com as próprias pernas.

Ninguém precisa dizer para nós que temos que ser responsáveis com os gastos públicos. Isso nós aprendemos dentro de casa. Eu e Marisa temos uma vida matrimonial que vai completar 31 anos e nós nunca gastamos mais do que aquilo que a gente pode gastar. Se isso deu certo na minha casa, certamente, dará certo no Brasil, porque o Brasil nada mais é do que uma família mais heterogênea e infinitamente maior do que a família que eu tenho.

Mas a responsabilidade com o dinheiro público, de gastar apenas aquilo que é importante gastar nas obras que são necessárias para o Brasil, é uma obrigação nossa. E, portanto, nós não renovamos o acordo, já foi comunicado oficialmente pelo ministro Palocci, numa carta endereçada a mim. Nós vamos, agora, dar a demonstração de que nós temos condições de, seguindo a nossa própria orientação, cuidar do Brasil com o carinho que mulheres e homens deste país precisam ser cuidados.

E este momento é mais especial quando a gente vê a disposição de um conjunto de brasileiros e brasileiras – junto com ministros do meu governo e com empresários do porte do Abílio Diniz – de acreditar que é possível fazermos na França, este ano, a maior festa que um país já fez fora do seu próprio território, dando oportunidade a pessoas que, sem oportunidade, não conseguiriam sequer fazer propaganda de algum produto seu, em qualquer outro país, muito menos num país importante como a França.

Eu deixei o discurso de lado, porque eu estou convencido de que as palavras e o comportamento dos seres humanos, do Estado brasileiro, do empresariado brasileiro, do povo brasileiro, é que determinam se vamos ou não ter sucesso. É com o nosso comportamento que a gente faz o dia ser melhor



ou pior. A gente não pode evitar que chova, mas ninguém precisa ficar encarando a chuva como se fosse uma coisa ruim, porque tem outros milhões necessitando da chuva naquele instante.

E se nós continuarmos naquela em que a gente reclama do sol, reclama da chuva, reclama do calor, reclama do frio, reclama quando não está frio nem calor, se a gente continuar nesse nível, eu me pergunto: aonde chega um país ou uma pessoa que não acredita em si mesma, que não vê nada de positivo naquilo que acontece todo santo dia?

Eu estava lendo um texto para o meu querido José Alencar e para minha esposa, quando o Furlan entrou na minha sala e, então, eu vim para cá. E como eu acho que nós estamos fazendo valer o poder da nossa atitude, o poder do nosso comportamento, o poder da palavra, mas também o poder daquilo que nós somos capazes de fazer, porque você pode ir para a França e levar criança de rua, você pode levar para a França uma pilha de filmes sobre a violência juvenil no Brasil, tudo isso nós sabemos que é verdade. Mas, se nós não levarmos as coisas positivas que fazemos, ninguém terá, nunca, a dimensão do que pode e do que é capaz um país da magnitude do Brasil.

E lendo um... eu não sei se é um documento, se é um poema, mas eu achei que vale para este momento, acho que é o único momento em que posso ler isso aqui, agora, é esse grau de otimismo que estou vendo nos nossos companheiros. Diz, mais ou menos, o seguinte: “tudo que você diz, escreve ou pensa ao seu próprio respeito é recebido no universo como uma oração. Se você pensa negativo, o resultado será negativo; se você pensa positivo, as coisas serão positivas.” Eu estou lendo um livro de um cidadão que foi professor de Educação Física, foi instrutor do Abílio Diniz, acho que é o Nuno Cobra. E tem uma coisa que ele disse que me chamou a atenção: muitas vezes, as nossas atitudes negativas passam mensagens negativas para o nosso centro processador cerebral, que retransmite para o resto do corpo e a gente passa a viver coisas negativas, quando poderíamos viver coisas



positivas.

Eu queria que vocês prestassem atenção no seguinte: “num lugar por onde passavam muitas pessoas, um mendigo sentava-se na calçada e, ao lado, sempre colocava uma placa com os dizeres: Vejam como sou feliz, sou um homem próspero, sei que sou bonito, sou muito importante, tenho uma bela residência, vivo confortavelmente, sou um sucesso, sou saudável, sou bem-humorado. Alguns passantes o olhavam intrigados, outros o achavam doido e outros até lhe davam um dinheiro. Todos os dias, antes de dormir, ele contava o dinheiro e notava que, a cada dia, a quantia era maior. Numa bela manhã, um importante e arrojado executivo – pode ter sido o Abílio Diniz – que já o observava há algum tempo, aproximou-se e disse-lhe: “você é muito criativo. Não gostaria de colaborar em uma campanha da empresa?” “Vamos lá, só tenho a ganhar”, respondeu o mendigo. Após um caprichado banho, e com roupas novas, foi levado para a empresa. Daí para a frente, sua vida foi uma seqüência de sucessos e, a certo tempo, ele tornou-se um dos sócios majoritários.

Em uma entrevista coletiva à imprensa, ele esclareceu como conseguira sair da mendicância para tão alta posição. Contou ele: “Bem, houve uma época em que eu costumava me sentar nas calçadas com uma placa ao lado, que dizia: ‘não sou nada neste mundo, ninguém me ajuda, não tenho onde morar, sou um homem fracassado e maltratado pela vida, não consigo um mísero emprego que me renda alguns trocados, mal consigo sobreviver.’ As coisas iam de mal a pior quando, certa noite, achei um livro e, nele, atentei para um trecho que dizia: tudo o que você fala a seu respeito vai se reforçando. Por pior que esteja a sua vida, diga que tudo vai bem. Por mais que você não goste de sua aparência, afirme-se bonito. Por mais pobre que você seja, diga a si mesmo e aos outros que você é próspero. Aquilo me tocou profundamente e, como nada tinha a perder, decidi trocar os dizeres da placa para: ‘Veja como sou feliz, sou um homem próspero, sei que sou bonito, sou muito importante,



tenho uma bela residência, vivo confortavelmente, sou um sucesso, sou saudável e bem-humorado'. E, a partir desse dia, tudo começou a mudar. A vida me trouxe a pessoa certa para tudo que eu precisava, até que cheguei onde estou hoje. Tive apenas que entender o poder das palavras. O universo sempre apoiará tudo o que dissermos, escrevermos ou pensarmos a nosso respeito, e isso acabará se manifestando em nossa vida como realidade. Enquanto afirmarmos que tudo vai mal, que nossa aparência é horrível, que nossos bens materiais são ínfimos, a tendência é que as coisas fiquem piores ainda, pois o universo as reforçará. Ele materializa em nossa vida todas as nossas crenças." A repórter, ironicamente, questionou: "O senhor está querendo dizer que algumas palavras escritas em uma simples placa modificaram a sua vida?" Respondeu o homem, cheio de bom humor: "Claro que não, minha ingênua amiga. Primeiro, eu tive que acreditar nas palavras."

Isso vale para o momento que estamos vivendo agora. Aqui tem alguns empresários que têm convivido comigo nesses últimos meses, e sabem perfeitamente bem do grau de otimismo, da crença que eu tenho de que as coisas darão certo se nós quisermos que dêem certo, e as coisas darão errado se nós ficarmos choramingando pelos quatro cantos deste país, lamentando apenas as coisas que nós ainda não pudemos fazer, ao invés de valorizar aquelas que já fizemos.

Do ponto de vista da nossa relação comercial, não foi pouco o que aconteceu no Brasil nos últimos tempos. Se vocês atentarem para 1995, perceberão que naquele ano - e a China ainda não estava com a força que está hoje, estava começando - o Brasil chegou a ter apenas 0,92% de participação no comércio exterior; em 2002, tinha 0,96%. Hoje, dois anos depois, nós já estamos com 1,1% das exportações. Passamos, praticamente, oito anos abaixo de 1% da nossa participação no comércio internacional. Por que fizemos isso? Primeiro, porque acreditamos nisso. Segundo, porque colocamos a pessoa certa para fazer e contribuir para que isso acontecesse;



não faltou, em nenhum momento desses dois anos, qualquer possibilidade de ajudarmos aqueles brasileiros que quisessem aumentar a sua participação no mercado globalizado, incentivando, cobrando, provocando.

Agora nós temos nesse Encontro da França uma outra grande oportunidade. Uma oportunidade em que não será apenas um ministro, mas um conjunto de homens e mulheres do Brasil que podem ir lá e mostrar, claramente, que nós poderemos ocupar um espaço ainda muito maior do que já ocupamos vendendo produtos de qualidade, vendendo comidas de qualidade, mostrando que nós somos capazes de produzir celular tão ou melhor do que se produz lá fora, mostrando que nós somos capazes de exportar conhecimento tanto quanto o que eles querem exportar para nós.

O que é preciso, antes de tudo, é que nós acreditemos em nós mesmos. O que é preciso, antes de tudo – e o governo tenta cumprir a sua parte, criando as condições para que sejam facilitadas as nossas exportações – é sabermos que de nós, e somente de nós, depende a imagem que quisermos criar no mundo globalizado.

Nós poderemos continuar dizendo que somos um país pobre, que somos um país de Terceiro Mundo, que somos um país que tem analfabetos, nós poderemos escolher as palavras que nós quisermos falar. Agora, em uma coisa nós temos que ter clareza: vender miséria não ajuda absolutamente ninguém a sair da miséria.

Nós temos que vender aquilo que temos de positivo no país para que a gente possa, ganhando com as coisas positivas que vendermos lá fora, ajudar aqueles que ainda estão analfabetos, aqueles que ainda não conquistaram cidadania no Brasil, aqueles que vivem à margem da sociedade porque não tiveram a oportunidade que nós, que estamos aqui, tivemos.

Este Brasil precisa estar na cabeça de cada um de nós. Este Brasil que nós queremos está dentro de cada um de nós. Não vamos esperar que o presidente Lula faça, que o vice José Alencar faça, ou que o Furlan faça.



Possivelmente, nós não tenhamos a capacidade interiorizada que cada um de vocês tem. O que nós queremos é transformar essa competência individualizada de cada brasileiro numa competência coletiva, numa competência de nação, numa competência de um povo, para que a gente possa, cada vez mais, ter a certeza de que o Brasil chegou num determinado patamar da sua história que não tem retrocesso, que não tem volta atrás.

É por isso que eu me determinei a não ficar chorando pelas coisas que não davam certo. Vocês nunca me viram reclamar das coisas ruins neste país. Nunca. Até porque acho que não é papel do Presidente da República ficar se queixando. O papel do Presidente da República é passar para a sociedade que é possível acontecer.

Eu me lembro de quantas vezes desafiei empresas brasileiras a não terem medo de serem empresas multinacionais. O Roger está aqui e sabe em quantos fóruns internacionais eu provoquei os empresários brasileiros. Nós não temos que ter medo de ser empresas multinacionais; nós não temos que ter medo de competir com a China, com os Estados Unidos, cada um do seu tamanho, cada um com a sua qualidade, mas nós temos que nos respeitar. Nós temos que acreditar em nós e provar que o nosso produto pode ser melhor do que o que eles têm, não apenas do ponto de vista comercial, mas do ponto de vista cultural. Não é nem querer ser melhor do que os outros, nós apenas queremos não ser tratados como inferiores e acho que aí é que está a chave do sucesso do nosso país.

Por isso, meu caro Gilberto Gil, meu caro Furlan, meu caro Abílio Diniz, se vocês estão esperando um grande sucesso em Paris, eu posso dizer para vocês que o bom começo dessa campanha já pode garantir que cada um de nós afirme que quem não for participar desse evento na França, certamente, irá perder um dos melhores momentos da história do nosso país.

Muito obrigado e boa sorte.